

# O POVO ESPOZENDENSE

Semxario defensor dos interesses d'este concelho e absolutamente independente

ANNO XI

ASSIGNATURA—PAGAMENTO ADIANTADO—  
Anno, sem estampilha, 1:200 rs. Com estampilha  
1:360 rs. N.º avulso 40 rs. Brazil, anno (moeda forte),  
2:500 rs. Não se restituem originaes. A redacção  
não responde pela doutrina e opiniões dos artigos assignados,  
ou com qualquer signal ou pseudonymo.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
RUA VEIGA BEIRÃO N.º 8 (Ant. R. Direita)  
Editor e proprietario—J. da Silva Vieira  
Domingo, 3 de Maio de 1903

ANNUNCIOS—LOGAR COMPETENTE—  
Por cada linha, (corpo 14) 40 rs. Repetição 30 rs.  
Comunicados, ou reclames, 40 reis a linha. Os assignados  
tem 25 % de desconto. O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Imposto  
do sello 10 rs. Ann. annuaes, contracto especial.

N.º 561

«O Povo Espozendense» é o unico jornal que se publica n'este concelho.

## ARTE DE PESCA

A momentosa questão entre os pescadores de Mattosinhos e as parcerias das *armações fixas*, da sardinha, tem chamado a atenção da imprensa, de alguns representantes do paiz, e de algumas collectividades de preponderancia.

Ainda a semana passada se ventilou o problema na Federação das Associações Operarias, do Porto, e já esta semana tivemos o subido prazer de apreciar a moção que no «Congresso Galaico-portuguez», de Braga, um membro apresentou com o applauso unanime dos congressistas.

Igualmente nos penhorou a palavra do illustre deputado sr. major Francisco José Machado, que pediu providencias para os conflictos occorridos com os pescadores de Mattosinhos e bem assim a prohibição da rapeira.

Parece que o nobre ministro da marinha vai fazer publicar o novo regulamento das pescarias, onde, mais ou menos, se dispõem artigos que, consentindo o uso das *armações à valenciana*, se assegura o livre exercicio da industria dos pescadores do littoral, que vivem dos seus aprestos inoffensivos à criação e povoamento das ricas e varias especies do nosso mar.

Assim seja; mas, já estamos vendo, na momentosa questão, intervir o capital e a influencia dos ricos, que sempre hão de triumphar da pobre gente que vive humilde e ignorada, por essa costa.

O *Diario Popular*, do sr. Marianno de Carvalho, traz no n.º 2:479 relativo ao dia de terça-feira passada, 21 do corrente, logo na segunda columna da primeira pagina, uma noticia tão atacante para a classe piscatoria e a favor das *armações* que, de duas uma, —ou o ex-ministro é um dos interessados nas *armações fixas* do novo sistema de pesca, ou então vendeu a sua prosa encravadissima aos poderosos argentarios que procuram, por meio d'uma concorrencia torpe e desleal, acabar, e de vèz, com a classe piscatoria, levando a fome a tanto lar já desprovido de pão.

Com certeza que se os pescadores do norte se pimponassem como os historiadores da «Outra-Banda» não apresentariam as suas reclamações com protestos tão vehementes.

Diz-se que as *armações fixas* representam um progresso na arte de pesca,—concordamos; mas a arte de guerra tambem tem feito progressos com as suas descobertas e, no emtanto, a humanidade reprova, em absoluto, a sciencia que se aperfeioa no sentido de

maçar e destruir.

A caça e a pesca tem leis repressivas para proteger os defezos, como contém disposições que prohibem os caçadores que lançam mão de armadilhas e reclamos, assim como contra os pescadores que empreguem malhas superiores aos padrões mandados adoptar oficialmente.

Na arte da pesca tem sido o campo vastissimo onde, sem fiscalização nem limites, se tem lançado a gananciosa cubija dos capitalistas, que são os primeiros a açambarcar os homens da situação afim de poderem exercer a sua nefasta e pernicioso industria.

Porque,—dizem os pescadores que são os mais auctorizados a falar no assumpto,—as malhas das *armações à valenciana* são de tal ordem estreitas que não é possível fugir a pequenina criação, que se está vendendo para adubo das terras!

Continue a pescaria, toda a pescaria, a protestar, e estamos certos de que ha de vencer a cubija d'esses ricos que tanto impam da força dos seus haveres.

Ricos eram os empresarios dos vapores dos arrastões,—lenta e penosa foi a lucta de protesto que os pescadores sustentaram, mas grande foi o exito alcançado pelo brilhante diploma official de 17 de Junho de 1896, onde se conseguiu a diminuição das artes extensivas de pesca do arrasto a vapor; o exercicio d'essa industria de arrasto a reboque a manter-se fora da distancia de 6 milhas de terra; a prohibição da pesca durante a noite, ao arrasto por qualquer motor; e, obrigando os armadores de barcos de pesca a vapor a substituírem as suas redes cónicas pelo modelo de rede de forma rectangular de costuras, com a malha minima de 0, m 04 por lado.

Ora, as principaes reclamações dos pescadores, contra as *armações à valenciana*, incidem sobre dois pontos capitaes, que é urgente attender: a malha differente do padrão official e o abuso da pesca durante a noite.

Parece-nos que, a juntar às reclamações dos pescadores, se deve juntar est'outra, que se nos afigura medida de alcance e humanitaria—o levantamento de *armações* em certa epocha do anno, afim da criação ser protegida por um defeso necessario, e ás classes proletarias se garantir um dos principaes alimentos baratos, que ainda é, nos dias d'hoje, um mimo com que se conseguem as forças para arrancar da agricultura, do commercio e da industria, tantas e tão peizadas contribuições que o Estado violentamente nos exige.

Nós estamos com toda a imprensa. A imprensa está ao lado dos fracos e dos desprotegidos. E, d'esta communhão de ideias, d'este impulso humanitario, d'esta

porfiada campanha, d'esta guerra santa, algumas regalias havemos de conquistar para os pobres, para esse grande numero de obreiros do trabalho que se unem pelos laços da fraternidade, dando exemplos de solidariedade muito para louvar e applaudir.

Landolt.

## OS VENAES

A imprensa, sendo incontestavelmente a tribuna que mais pode imperar no espirito publico; a trombeta que mais facilmente pode produzir uma revolução, é tambem um poderoso contribuinte para a ruina d'um paiz e desmoralisação d'um povo, quando os elementos de que se compoem se deixem dominar por interesses gananciosos.

Infelizmente, entre nós, esse criminoso elemento predomina em grande escala; é ver a consideração, respeito e independencia com que a maioria da nossa imprensa trata das questões de mais interesse para o paiz e consequentemente á luz moralisadora que vem derramando sobre o povo que ignora as suas intenções.

Não pertencemos actualmente ao numero dos que vêem n'uma mudança de regimen grandes prosperidades para o paiz, porque as desillusões tem sido grandes, todavia, não podemos deixar de acompanhar dois ou três jornaes entre tantos da capital, nos seus gritos de indignação, pois são estes os unicos que em theoria, traduzem o nosso modo de sentir, e o sentir de uma nação prestes a desaparecer do mappa geographico. Três jornaes apenas, na capital, que com uma firmeza implacavel tem mantido na imprensa com brio e dignidade as suas convicções politicas; os unicos, repetimos, a quem o paiz deve reventar os seus serviços porque só elles, encarando com independencia, a sua missão nobre e altiva, se tem opposto com bom exito, á consumação de escandalos que seriam a nossa eterna vergonha.

Se a imprensa, quando nas altas regiões do poder se projectam assaltos ruinosos para o paiz, commungasse toda nas mesmas ideias; se desprezando conveniencias particulares olhasse com patriotismo para os destinos da nação; mas não é assim; a imprensa na sua maioria, desprezando o bom nome da sua patria tem em vista apenas os seus interesses particulares, e d'ahi, o estado decadente em que nos encontramos e que difficil já será levantar.

De forma que a imprensa entre nós, muito longe de servir de travão á carreira vertiginosa que levamos para o abysmo, é o seu maior constituinte.

Fazer politica dentro dos limites da dignidade, vá, defender actos governativos que apresentam verdadeiros crimes é baixo e infame.

Horacio.

## «O POVO ESPOZENDENSE»

N'esta redacção compram se os numeros 439 de 16 de Dezembro de 1900 e o 489 de 22 de Dezembro de 1901, d'este jornal, os quaes se pagam bem. Quem os tiver e quizer dispôr d'elles dirija-se a esta redacção.

## «O Jornal da Noite»

Como dissemos no nosso numero passado, começou a publicar-se em Lisboa, no dia 27 do mez findo, um novo diario, regenerador-liberal, orgão da facção politica do sr. conselheiro João Franco.

Apresenta-se brilhantemente redigido com um aspecto interessantissimo, com bastantes secções de interesse, como era de esperar da seleta redacção de que é composta aquelle nosso illustre collega.

Segundo lemos em diversos jornaes da capital, o novo diario foi bem recebido do publico, o que lhe garante um futuro prospero, o que sinceramente lhe desejamos.

## Artes e Letras

### O FILHO DO MAGICO

(CONTO POPULAR)

Já doente, o Magico chamou ao pé do

caire o filho, e disse-lhe pausadamente: —N'aquella arca de cedro, entre varias coisas preciosas, está guardada uma escarcella de coiro. Se um dia tudo perderes (pois que a vida é cheia de inesperado e de mysterio) abre a escarcella e dentro topará com uma velha chave de prata. Não a des, nem a percas. Vae correr mundo para as bandas d'oriente.... Verás que essa chave é maravilhosa...

Depois o magico quiz ainda reter velhos pergaminhos incorilhados. Curvo, com as longas barbas geadas, a face já cor de marfim antigo, a tremor dentro do longo albornoz creado, o Magico sentia-se desfallecer, e o nariz de mocho mais adunco, a boca mais torcida... E uns dias passados, ao perscrutar ainda uns papyrus resequecidos, caiu de borco, com elles apertados na mão mirrada e cheia de nós. Estava morto.

Tomou o filho conta da herança cubijada. Eram arcas e arcas d'ouro, acervos de moedas que luziam como o sol nascente; um alqueire de pedras preciosas—toda uma riqueza que deslumbou o moço, quando elle começou a v-la correr, como rio magnifico, das gavatas e dos escaninhos abarrotados. Além d'isso, objectos cujo uso elle desconhecia, aparelhos de invenção do sábio, o grande gral onde o Magico pisava sementes de arvores caducas, ligados de pombas, bicos de aves noctivagas...

Mas não dorou muito nas mãos dissipadoras do herdeiro tam abundante fortuna. Os dobrões desapareciam qual se fogo os derratesse, por maneira que o ouro espalhado fugia e perdia-se como um regato que corresse na areia esburizada. Toda aquella opulencia se sumiu, á maneira d'uma formosa nuvem doirada que o vento esfarrapa no ceu. O filho do Magico, ao envez do paiz que aferrolhára e se mirrara, foi prodigo e faustoso. Viuse em breve um maitrapilho faminto—e foi abrir a arca de cedro, onde devia estar a escarcella de coiro.

Uma noite, cansado de jornadear, o rapaz pediu pousada numa casa distante. Disseram-lhe que alli vivia um padre muito rico, mas que pouca gente o lograra ver, tam recobtido vivia Os creados deram-lhe caldo e pão migado, e deixaram-no dormir no palheiro, onde já descansavam dois mendigos. Um era cego, e tocava sanfona, o outro, andrajoso, acompanhava-o a esmolhar por caminhos. O filho do Magico deu as santas noites, e pouco depois fingiu que resonava.

Então o cego perguntou: —Oves? Já resona. —Parece um porco, salvo seja—respondeu o guia.

—Quem me dêra chegar ao jardim das Pombas!—torrou o cego.

—Ainda temos de andar sete dias e sete noites...

—Ao menos ahi ha que comer e que beber!

—A' tripa fôrta, e que manjares! tornou o outro, a dar estalinhos com a lin-

gua. O filho do Magico ficou espantado. Aquillo havia de ser dos encantos em que o paiz lhe fallára, havia de ser! O que era preciso, pensava, era não perder os mendigos de vista.

Por sua vez o ego da sanfona pegou no somno, e logo em seguida o companheiro. E aquillo é que era resonar, com gemidos de clarineta e roncões trovajantes—como se ambos grunhissem e tocassem sanfona.

—Safal! Que dianho de musica, dizia consigo o filho do Magico, sem poder pregar olho, a revolver-se nas palhas. E punha-se a acismar no tal jardim das pombas, no que seria aquella maravilha... Languidamente cerrava os olhos, prostrado, com a mão metida no peito, onde trazia a escarcella... Mas logo esmeçava, suspirava, despeto: os mendigos resonavam mais alto, com silvos e urros de tempestade.

—Ahi birbantes, suspirava o rapaz, e eu é que era um cevado. Bem dizia meu paiz, que ninguém se conhece...

Em termos que de madrugada, quando os mendigos abalaram, o filho do Magico tinha pegado a dormir profundamente, com a espartina de quasi toda a noite. E ao acordar, já sof alto, nem rasto dos dois vagabundos havia na estrada.

Mas qual não foi o espanto do rapaz, quando, mettendo a mão no peito, não encontrou a escarcella de coiro! Desatou a gritar que o haviam roubado, como um possesso. Acudiram os creados, cuidando que era incendio; e como fosse alastrando o alarido, o padre, dono da casa, chamou-o á sua presença.

Perguntou-lhe quem era: tipha uma ideia de ver aquella cara... O rapaz disse que era filho do Magico. Os olhos do outro alargaram-se, brilharam. Tinha o conhecido muito, tinham sido compaunheiros e amigos... Alli estava para o servir no que pudesse! Tinha aprendido muito com elle, com o Magico!

O rapaz contou-lhe, azorado, do roubo da escarcella de coiro...

—Com uma chave de prata? inquiriu o padre, muito interessado.

—Éra verdade. Como sabia?! O Magico fallára-me nessa chave... Disse-me que era muito valiosa.

E depois de pensar um pedaço, como quem perscruta segredos maravilhosos:

—Bem! Vou-te emorestar o meu cavallo, que anda mais do que o vento. Mette a galope pelos atalhos, que ladrões não vão por estradas. Logo que os avistes, desmonta, e volta o cavallo, que elle cá vem ter. Depois põe este chapu de bicos, que ficará invisivel—e facilmente lhes apanharás a escarcella.

O rapaz agradeceu muito, e o outro disse-lhe que não tinha de quê, porque tudo que sabia, e quanto tinha, o devia ao Magico.

O cavallo comia leguas como o vento. Pouco tempo depois o rapaz avistou os dois a descer um cerro, esbogaadamente. O filho do Magico desmontou, soltou o cavallo que partiu como uma flecha, e poz na cabeça o chapu de bicos. Depois foi andando na esteira dos outros. Aproximou-se, p'ra ouvir o que diziam. Os dois, está bem claro, não o viam.

—Oigo passadas, disse o cego.

O companheiro mirou, remirou em roda.

—E' o echo, não se vê bafo vivo.

—Toma tento, não percas a escarcella; olha que isso ha de ser grande segredo. A chave é muito pesada...

—E de prata—rosnou o outro.

—Quem sabe se ella abrirá a porta de ferro do jardim das pombas, onde nunca houve chave que servisse! Olha lá se a perdeste!

Mas como tinha o ouvido muito fino, o cego poz-se de esculca:

—Parece mesmo que oigo passadas ao nosso lado...

—E' o echo, rosou o compaunheiro.

O cego começou a fangar:

—Cheira-me a folego vivo...

—E' a resina das pinhas.

R. solveram descansar a sombra das arvores.

—E se o outro apparece? perguntou o cego.

—A boas horas, por essas azinhadast

—Trazes a escarcella? tornou o cego.

—Cá está, disse o outro, abrindo a saccula.



Tiron a antiga chave de prata, e começou a sopesá-la na mão, com os olhos aticados da cubiça.  
—E' macissa. Rica chave!  
Mas quando a mirava na palma da mão callosa, viu-se de repente sem ella.  
Desatou a gritar:  
—Aqui d'elreil Aqui d'elreil  
—Que foi, que aconteceu? dizia afficto o cego.  
—A chave fugiu-me da mão, parece que voou, desapareceu...  
—Eu bem dizia que ouvia passadas!  
—Não se vê ninguém...  
—São artes mágicas—tornou o cego.  
Então o filho Magico, de escarneo, começou a andar de volta d'elles, e a cantar de gallo.  
—Cócórocol  
—Bem dizia eu, tornava o cego em voz baixa, apertando o braço do companheiro. E o rapaz, com o chapéu de bicos enterrado na cabeça, ao ouvido dos dois, que tremiam como varas verdes:  
—Cócórocol Cácaracá!  
—Ainda apanhamos uma carga de pau! Ha-de ser o do palheiro—Segredou o cego.  
Mas já o filho do Magico tinha cortado uma verdaça de marmelleiro, e começava a zurzil-os nas orelhas.  
—Seus ladões!  
—Aqui d'el-reil aqui d'el-rei—gritava o guia, aos quinchos, a trepar, como um gato bravo, por um pinheiro acima.

O filho do Magico deixou-os atarrecidos de medo—e lá foi a procura do jardim das pombas. Palmilhou largos caminhos, e pernoitando n'uma estalagem com almocreves. Um d'elles, já velhinho e conhecedor d'aquelles reinos, fallou d'esse jardim distante, da sua belleza e encantamento. Era preciso passar um rio, entrar n'uma selva, e ao fundo é que se encontrava o jardim, cheio de flores balsamicas, aguas remansadas e frescas, e tres pombas brancas que vinham banhar-se todos os dias a um tanque tão azul como o céu... Quando saíam das pennis, caíam muitas perolas e pedras preciosas.

O filho do Magico andou ainda alguns dias e afinal atrevessou o rio no barco d'um moleiro, que não fallava, nem se ria, e tinha um olho azul e outro preto. E ao cair da tarde entrou no jardim mysterioso, onde havia o silencio augusto d'um cemiterio, mas onde o ar respirandicia e parecia da mais fina farinha d'ouro peneirada.

Não tardou que as tres pombas viessem banhar-se nas aguas lisas e azues. O filho do Magico, muito esbofado, esfaumado e sedento, sentou-se n'um velho tronco cahido, e começou de roer um pero que levava no bolso.  
Logo vieram mãos brancas e finas, que voavam como pombas, trazer-lhe iguarias e vinhos.

—Bem diziam os outros do palheiro—pensava o rapaz—isto é que são manjares, que delicia!  
Uma das mãos que voavam offereceu-lhe um gemil de prata, por onde elle sorveu um vinho fresco e suave como ambrosia; depois outras mãos vieram, alvas como lírios, a darem-lhe a marenha em pratos de ouro;—fructas mais roseas que a manhá, alféolas muito doces... O filho do Magico saboreava, suspirava n'uma beatidade infinita:—Ai que bom! ai que bom!

Passado algum tempo, viu ao longe uma enorme porta de ferro, escura e sinistra, entre a poeira dourada do ar, entre tanta claridade e tanta ventura silenciosa... Ergueu-se, e com coração aos baques, dirigiu-se para a porta de ferro.

Tirou do peito, onde a guardára avaramente, a mysteriosa chave de prata. Olí se aquella chave fosse a d'aquella porta! Empallideceu. Fechado o portaão, immenso, tudo continuava n'um segredo insondavel; aberto, o que seria d'elle, matal-o-hiam? O coração batia-lhe mais agitado. Seria muito feliz? Sim, de certo seria venturoso; o pae lhe fallára n'uma larga ventura...

Tentou metter a chave—e todo trememente viu que a chave servia! Deu uma volta, com as duas mãos, n'um grande esforço, a arquejar... ainda outra volta! E a grande lingua de ferro correu, grossas gargalheiras de ferro rolaram com rijo estrepito. Empurrou a porta com os hombros fortes, branco de commoção; os gonzos rangeram, com um estridente chiar de ferros ferrugentos, e a porta abriu-se lenta e pesadamente, ficando escancarado um boqueirão cavernoso...

Foi andando na escuridade, com o coração aos pulos, mas pouco e pouco a negrura ia cedendo a um lindo alvor, como de vago luar... E á medida que avançava, com respiração oppressa, um brilho jorrava mais vivo, tal se a rosea da manhá abrisse as grandes e orvalhadas folhas de luz.

Não tardou que se encontrasse n'um formoso palacete encantado, com altas columnas de marmore, e riquezas sem conta. Tres pombas brancas começaram a esvoaçar junto d'elle, até que uma lhe pousou mansamente no hombro.

—São as mesmas do jardim, pensava o filho do Magico.  
Poz o ouvido á escuta, e ouviu o resfolegar sornio de monstro que ressonasse. Teve medo. Levou a mão á cinta, onde trazia uma adaga. O ruido aproximava-se, como o de uma ventania u'uma gruta—e um animal informe, de olhos glaucos e escamas verdes, arrastando as patas plumbas de pachyderme, caminhava para elle, com a guela liante...

As pombas continuavam a avoejar azoradas; mas a que lhe poisava no hombro começou de arulhar ternamente.  
—Que fazer? meditava o rapaz, atarantado.

Lentamente, horrendamente, com as escamas crespas como aguas de mar bravo, o monstro arrastava para ellas as patas pesadas. Os olhos, grandes e redondos, phosphorejavam, e a cauda retorcia-se no ar como serpe terrível, ou erguia-se como espique d'uma grande palmeira.

Então o filho do Magico (emquanto a pomba lhe arrulhava no hombro), arrancou da cintura a adaga rutilante, avançou intrepidamente para o monstro, e cravou-lh'a com vigor nas guelhas de fogo... Um repoxo de sangue espirrou, um rugido pavoroso abalou as columnas de de pedra. E logo—ó maravilha antiga!—O monstro se transmutou n'um velho de fartas barbas claras, com uma corça luzente de rei na cabeça, e as pombas se transformaram em tres meninas de fulgurantes cabellos d'ouro.

—Quebraste-me o encanto! Quebraste-me o encanto! disse o velho. Foste corajoso, devo-te a minha vida e a de minhas filhas, o renascimento do meu imperio adormecido... Ha quantos annos tudo dormia n'este sonho tragico!... Serás tambem o homem mais feliz da terra. Escolhe o que quizeres: eu te darei tudo que pedires.

Depois poz-se a afagar as meninas, correndo-lhe mngamente os dedos pelos cabellos de sol. Uma alegria magnifica lhes batia nos rostos.

O filho do Magico, cheio de assombro, reconheceu no velho rei o moleiro que o passára no barco, que nem fallava nem ria, e tinha um olho azul e outro negro. Tudo encantos!

—Escolhe uma das minhas filhas, voltou o rei, e ficarás senhor de grande parte do imperio. Qual preferes? Uma é linda como a aurora; outra como o luar; outra como o crepusculo!... Qual preferes?

Timidamente, o rapaz perguntou qual d'ellas lhe tinha poisado no hombro. Era a mais nova—a linda como aurora—que fóra sentar-se nos joelhos do pae, acariciando-o.

Ali mesmo lh'a deu o rei por esposa. E subindo a um alto terraço cheio de estatuas, o velho tocou tres vezes uma longa tuba sonora, que despertou a terra adormecida, como se uma vida nova e benéfica corresse e fizesse resurgir o imperio. As estatuas converteram-se em mulheres admiraveis, que beijaram as mãos das princezas. Sem se saber d'onde vinham, correram gentes acclamando o velho rei, toda uma corte encantada appareceu radiante e jubilosa. Dir-se-hia que a propria natureza se desentorpecera: aguas contavam mais alto; as arvores ramalhavam desparzindo flores, e mil aves teciam, voando alegres, os seus gorgeios de vidro e prata.

O rei abdicou no filho do Magico—que ficou regendo aquelle imperio florente, e doidamente amado da princeza linda como a aurora. Logo chamou para junto de si, enchendo-os de honras e festas, o padre que lhe dera o chapéu de bicos e lhe emprestára o cavallo mais ligeiro que o vento... Ao cego e ao guia não quiz fazer mal—antes lhes mandou dar muitos moios de trigo e bolsas de dinheiro. E foi o homem mais feliz da terra—quando na terra ainda havia homens felizes!

Julio Brandão.

CARTAS D'UM DESERTOR

Lá vai hoje mais uma pequena carta. D'interessante nada tem; mas serve, todavia, para marcar um signal de que ainda vivo.

Como sempre, na minha terra, as solemnidades da Semana Santa, foram este anno revestidas d'um certo brilho e imponencia. O que houve a mais, foram despiques entre varios grupos de raparigas, caprichando cada um em melhor apresentar o seu Judas.

Esse apostolo traidor e vilão, que deu o beijo denunciante na face immaculada de Jesus Christo,—até esse tartufo abominavel e asqueroso, teve o seu dia feliz.

Um grupo apresentava-o de casa-carta, cartola e luvas. Outro vestia-o de fôxa tunica, collarinhos e sandalias. Mas na artilheria—diziam ellas—é que se ha-de ver quem vence.

Todos esperavam o momento de

ver saltar o fantoche em estilhaços, miseravelmente enforcado n'um ramo de figueira...

Meio dia. O sol dardejava raios esbraseantes. Toda a gente procurava refugiar-se n'uma fresca sombra. De repente ouvem-se resoar no espaço os sons dos metaes. Ali vem a musica—dizem todos. Aquelle sol tropical arranca dos metaes scentelhas de fogo.

A anciedade é enorme. Mas a phylarmonica aproxima-se mais. Agora são mais nitidos os sons dos instrumentos, e n'um momento é lançado o fogo ao bonêco. Um minuto decorrido e o Judas desfeito em bocados, cabe no chão, a arder, disforme.

Revôa uma salva de palmas. Em seguida é lançado o fogo ao caixote do outro grupo.

Arden rapido como o primeiro e ambos—diga-se a verdade—estavam bem recheiadinhos de metralha. Uma bomba real veio cair a meus pés. Se explodisse, certamente partir-me-hia alguma penra.

Felizmente, ao cair, trazia o ras-tilho apagado. De que eu me livre!

Agora é o espaço coberto d'uma deusa fumarada de polvora, e a phylarmonica, com um lindo *pas-se-calle*, lá vai marchando, por entre a nuvem de fumo que se dissipa vagarosamente...

O que deu mais a nota, foi uma linda menina que, no dia anterior—Sexta-Feira Santa ou de Paixão—tinha ido de Magdalena.

Calculem! Um magnifico cabelo castanho—fulvos, roliços bracos nus, dois olhos feiticieiros, as palpebras amollecidas por duas grossas lagrimas que se desprenderam dos seus olhos de Fada e, para complemento, apenas desoito primaveras a sorrirem n'aquelle rosto gentil!

Era uma Rainha ou uma Deusa—aquella mulher. Se fosse Rainha, havia muita gente boa que se naturalisasse sua subdita.

Se fosse Deusa, todos a adorariam.

Um encanto, aquella feiticieira! Se os meus amigos a vissem, diziam—como João Chagas,—alta, erecta, toda divinamente talhada, caminhava com serenidade e donaire, e assum perfeita, impeccavel, cheia de graça e cheia de nobreza, não parecia da vida, nem do sonho, nem da chimera, mas da propria Arte, que a houvesse concebido para seu goso espiritual. A sua gentileza suprema era atenuada pela sua mysteriosa, quasi mystica melancholia, e assim se Lauret tivesse podido snhal-a, Ary Scheffer com certeza a haveria executado.

Tal era a menina de que vos venho fallando. E digam-me agora, meus caros amigos, se não era susceptível de fazer perder o juizo a um Santo!

Eu declaro-vos aqui muito á puridade, que a tal Rainha ou Deusa, encontrei em mim um dos seus muitos admiradores. Depois d'esse dia, já a encontrei algumas vezes e ella—pobre ingenua!—chegou a dizer-me que tinha chorado muito por eu lhe levantar uma calunnia!

Sabem qual foi?!... D'ella namorar um louro estudante da Lusa-Athenas!... Como se isso fosse peccado!

Pedi-lhe perdão para esse grande crime, e um alegre sorriso de Fada, alliviou a minha consciencia d'um tão grande peso!

Chorou e chorou muito, a pobre rapariga! Cheguei a ter pena d'ella, de saber que havia chorado por minha causa.

E lembrar-me eu que são desoito primaveras a sorrir n'aquelle rosto de... Noiva em perspectiva...

Ora ahi teem o assumpto da minha carta d'hoje. Pouco interessante, como veem. Mas termino, como principio: esta carta serve apenas para marcar um signal de vida.

E' mais uma bandeirola na estrada que vou seguindo...

Abril—903.

Alpheu da Gama.

Nova igreja

Na freguezia de S. Bartholomeu do Mar, d'este concelho vae proceder-se ao levantamento de uma nova igreja parochial, cuja planta já se acha elaborada e em exposição para ser examinada pelos interessados e artistas que queiram concorrer á feitura da mesma.

Na secção competente vae um annuncio para o qual chamamos á attenção dos artistas pedreiros e carpinteiros.

Concorrentes à igreja de Fão

Segundo lêmos em um jornal de Braga, são concorrentes á igreja parochial de S. Paio de Fão, d'esta comarca, os seguintes rev.ºs presbyteros: Cesar Augusto Ferreira, prefeito do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga; Luiz Fernandes de Azevedo, parcho em Palmeira do Faro, d'este concelho; João Baptista Rodrigues, residente na freguezia de S. Matheus da Ribeira.

Liga Naval Portugueza

Mais um numero acaba de ser publicado, o 3.º, pertencente a março, d'esta interessantissima publicação a mais illucidativa que conhecemos n'este genero. Illustra este numero algumas gravuras representando alguns dos nossos melhores vasos de guerra.

Carteira

Esteve entre nós em um dos dias da semana finda, o snr. Antonio Joaquim Gonçalves, habil empregado commercial em Anadia.

—Regressou ao Porto o snr. Francisco da Rocha Gonçalves, empregado commercial d'aquella cidade.

—Tem estado incommodada, guardando o leito, em virtude de uma queda que deu no ultimo domingo a ex.ª sr.ª D. Maria Martins Giesteira, digna espoza do nosso bom amigo sr. José de Jesus Gonçalves Ferreira Lima, intelligente contador d'esta comarca.

A' inferna apeteçemos rapilhas melhoras:

Mez de Maria

Começaram na ultima 6.ª feira, 1 do corrente, os exercicios do mez de Maria, na igreja parochial d'esta villa.

Tempo

Tem feito bastante inverno no decorrer da semana ultima, tendo sido por vezes tempestuosa e com algumas descargas de gravisso, que tem prejudicado bastante o vinho e fructas.

LEI DO SELLO—AOS PAROCHOS

Em additamento ao n.º 7 dos Avisos sobre a lei do sello, ultimamente publicados, o ex.º e rev.º snr. arcebispo primaz mandou fazer soiente do seguinte:

«São isentos de qualquer sello «os attestados, certidões e informações dos parochos... para satisfazer requisições de auctoridades e estações officiaes.» [Tabella do sello. Outras isenções VII.] Por consequente as informações que os M. RR. Arciprestos ou os Parochos derem precedendo despacho ou ordem de s. exc.ª rev.ª, mandandos os informar para renovação de Cartas de Encomendação, ou licenças para exercicio d'ordens, celebração de festividades, etc., são isentos do sello de estampilha de 100 réis a que se refere o n.º 7 dos Avisos. Mas não estão isentos do mesmo sello de estampilha de 100 réis as referidas informações se forem dadas, como geralmente acontece, sem s. exc.ª rev.ª as requisitar nem ordenar, ficando assim em pleno vigor o que se diz em o n.º 7 dos Avisos.

A isenção total do sello estende-se tambem a quaesquer attestados e certidões, que os RR. Parochos passarem para satisfazer uma requisição ou ordem da auctoridade ecclesiastica, ou d'outra qualquer auctoridades.

A TENTADORA

Ha dias abriu ao povo As portas, de par em par, Nova loja de fazendas Em gosto pouco vulgar. Tentadora se lhe chama... Certaram no baptisar, Que, realmente, tem coisas De a gente fazer tentar.

Não sae de lá sem fazenda Quem precise de comprar.

Collarinhos d'ida e volta, Sem p'ra Vallongo marchar... Pelo custo do feiio Nas casas de os fabricar. Lindas cassas p'ra meninas Logo aos tres dias casar... Pois tecidos para fatos! Mais lindos não podem dar As fabricas da Arrentella Onde se foram buscar... Nem mais baratas se podem Em outra loja comprar.

E' pôr os pés a caminho E querer experimentar.

Leitaria não fallemos! Nem deviamos fallar... Ha sortido colossal Sem poder-se mencionar, Menos pelo seu numero Que pelo seu variar.

Coisas do Arco da Velha, Que nem se podem contar!

Em artigos Arte Nova Ha muito que admirar Gravatas as basta ver Que não deixam de comprar. E muito mais que nos fica Sem seu nome registrar.

Ora vá o nosso publico A' nova loja comprar. —Muitos poucos fazem muitos. E' divisa de tentar. E verá ternó Avelino Com seu tic d'encantar, Dar fazendas por dinheiro Se o forem visitar.

Molestias do figado

As causas mais fructiferas das molestias do figado são—os extremos da temperatura, o clima, o uso immoderado de bebidas alcoolicas, a falta de exercicio, a má alimentação, os excessos venereos, a Syphilis, as Escorofulas, as emanções palustres, e tambem, nas senhoras, o costume de espartilhar.

Os Incommodos do figado, e os Ataques de bilis devem merecer immediata attenção antes que o mal se enraize e se torne chronico e difficil de debellar.

Empreguem-se as Pilulas do Dr. Ayer, com toda a regularidade e de conformidade com as instrnções e obter-se-ha uma cura certissima.

Venda nas boas pharmacias e drogarias.

Encyclopedica Portugueza Illustrada

Recebemos o fasciulo 231 d'este valioso dicionario universal, publicado sob a direcção do snr, dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 579 artigos e 19 figuras (Garoupas a Gautier). Entre os artigos mais notaveis d'este fasciulo, citaremos: Garraio (biogr.), do sr. Firmino Pereira e Gastrite do snr. dr. Clemente Pinto.

Continua a assignar-se este magnifico dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º. Em Lisboa, são correspondentes os snrs,



Belem & C.<sup>a</sup>, Rua do Marechal Saldanha, 26.

**Diccionario Apologetico da Fé Catholica**

Recebemos e agradecemos mais um fasciculo d'este esplendido trabalho de J. B. Jaugey, revisto e anotado pelo digno e illustrado ecclesiastico Carlos das Neves, doutor em theologia.

Pelos artigos que encerra este fasciculo e que em seguida publicamos, se avalia a sua importancia:

**Mouros (Expulsão dos)** na Peninsula hispanica:—esboço e apreciação d'este facto historico.

**Movimento da terra** (A questão do):—defeza d'aquella ignorancia entre os sabios da idade-média.

**Moyses**, Legislador dos Hebreus:—contestação d'umas infundadas impugnações racionalistas.

**Mulher (Almas das)**:—invalidação d'umas duvidosas e mal-entendidas referencias.

**Mysterios**:—concisos argumentos, mostrando-os admissiveis á razão humana e á sciencia.

**Mythos**. Systema mythico:—precauções e methodo em sua impugnação radical.

**Nantes** (Revogação do edicto de):—sua oportunidade e conveniencia religiosa.

**Negros (O tráfico dos)** e os Missionarios:—extinção d'aquelle devida a estes.

**Nepomuceno** (S. João) e a infalibilidade Pontificia:—solução de duvidas historicas.

**Novo Testamento** (Canon do):—motivos occasionaes da sua completa formação.

**Numeros** (Expressão dos) entre os hebreus:—razões plausiveis da sua confusão.

**Oração**:—sua natureza e officia opportuna.

**Ordens Religiosas**:—sua racionalidade e beneficencia.

Continúa a assignatura aos fasciculos ou volumes, para os poucos exemplares que ainda restam.

Editor Antonio Dourado—Rua das Flores n.º 42, 1.º—PORTO.

**A crise em Cabo Verde**

**Miseria da população**

O ultimo correio recebido de Cabo Verde traz-nos desanimadoras noticias sobre a crise alimenticia.

Assim continúa a ser grande o numero de indigentes na cidade da Praia, tendo sido ordenado a distribuição diaria de uma sopa aos mais necessitados, que não possam alimentar-se d'outra forma, quer pelo estado physico, quer pela idade.

As manifestações da crise alimenticia continuam dia a dia mais accentuadas, causando verdadeiro constrangimento o espectaculo que constantemente se apresenta á vista. Agora já não é só o aspecto dos indigenas esqueléticos, è tambem o seu estado andrajoso.

Por iniciativa do administrador do concelho da Praia, fez-se uma subscrição para oom o seu producto se adquirir fato para vestir o maior numero possivel d'essa gente, que se apresenta quasi em estado de nudez.

Entretanto, apesar do estado agudo a que chegou a terrivel crise alimenticia em Cabo Verde e á parte umas providencias parciais sobre a entrada do milho, o governo nada fez até agora.

**Naufragio—onze mortes**

Dizem de Lauderneau que a barca «Arbre de la liberte» naufragou á vista da ilha de Ouessant. Morreram onze homens da tripulação.

**Domingos José de Moraes**

Segundo lemos nos jornaes da capital, falleceu pelas 10 horas da manhã de 4.ª feira ultima, o snr. Domingos José de Moraes, um dos maiores commerciantes de Lisboa e do paiz.

O sr. Domingos José de Moraes foi um trabalhador infatigavel que conseguiu auxiliado pela sorte juntar uma enorme fortuna.

O seu principal commercio era feito em farinhas e cereaes e em todo o paiz era bem conhecida a sua grande fabrica de moagens.

Era natural de Vianna do Castello que á sua iniciativa e philanthropia deve alguns dos seus melhoramentos mais importantes.

O sr. Domingos José de Moraes como quasi todos os grandes trabalhadores, foi victimado por uma lesão cardiaca, que ha muitos dias já o retinha afastado dos seus negocios.

**Licenças**

Foram concedidos 30 dias de licença a D. Rachel Anahory, digna professora de S. Bartholomeu do Mar, d'este concelho.

Tambem foi concedida igual licença de 30 dias ao snr. Alvaro de Villas Boas Pinheiro, digno amanuense da camara municipal d'este concelho.

**Grande ciclone—cidade arrasada**

Um espantoso ciclone assolou a parte da ilha de Madagascar, situada no sul de Tamatava.

A cidade de Mahanaro, porto de mar importante, ficou completamente arrasada, sendo destruidos todos os edificios.

N'outras localidades da mesma região houve desastres semelhantes, mas de menos importancia. Na capital Tananerivo tem chovido torrencialmente.

**Novos livros de Trindade Coelho**

**LIVROS DE LEITURA PARA CRIANÇAS**

Estão impressos e devem apparecer brevemente nas livrarias seis novos livros de Trindade Coelho, sendo dois de direito, um para o povo e tres para as crianças:—«Anotações ao Código Penal» e a legislação penal em vigor, um volume de mais de 500 paginas em 8.º grande: «Incidentes em Processo Civil», 300 paginas: «Pão Nosso» ou leituras elementares e encyclopedicas para uso do povo, um volume illustrado de mais de 500 paginas; e tres livros de leitura para a escola primaria: «O Primeiro Livro de Leitura», 150 paginas, destinado ás crianças da 1.ª classe: «O Segundo Livro de Leitura», 200 paginas, para a 2.ª e 3.ª classe; e «O Terceiro Livro de Leitura», 300 paginas, destinado á 4.ª classe.

O primeiro d'aquelles volumes é editado pela Empresa Editora da Historia de Portugal, rua Augusta, 95; e os restantes pela casa Aillaud & C.<sup>a</sup>, de Paris, com filial em Lisboa, rua do Ouro, 242.

Os tres livros de Leitura para a escola primaria são apresentados ao concurso official, cujo praso termina no dia 30 do corrente, e são intensamente portuguezes, admiravelmente editados e illustrados, cons-

tituindo, além de uma vasta e methodica «lição de coisas» tendente a ministrar á criança noções praticas, de applicação immediata aos usos e necessidades da vida, um interessante tratado de educação moral, sob a forma, tão simples como engenhosa, de pequeninos contos.

Ao contrario do que tem succedido até hoje, os tres livros de leitura de Trindade Coelho são completamente originaes, e não simples colleções de trechos avulsos de auctores diferentes, e desenvolvem todos um verdadeiro plano, formando, na variedade enorme dos seus assumptos, dispostos com rigoroso methodo, uma unidade perfeita de doutrina e a mais vasta e intensa «lição de coisas», essencialmente portuguezas, que tem enriquecido entre nós livros congeneres.

Uma infinidade de soberbas gravuras feitas expressamente em Paris, muitas das quaes reproduzem as nossas construcções, o mobiliario caseiro das nossas provincias, as nossas alfaias agricolas, os instrumentos das nossas artes e dos nossos officios, os nossos animaes e os nossos vegetaes, até os nossos trajas e scenas da vida agricola, rural e maritima do paiz e das ilhas dos Açores e da Madeira, faz d'esses tres volumes de Trindade Coelho, no seu total de 650 paginas, uma obra ao mesmo tempo didactica e patriota—enlevo das crianças pelo seu pittoresco, e intensa e preciosa lição na singeleza clara da sua linguagem.

E' firme proposito do sr. dr. Trindade Coelho que o preço dos seus livros de instrucção primaria e popular seja inferior a real a pagina.

**ABRIU A TENTADORA ABRIU**

Novo estabelecimento de fazendas e miudezas

—DE—

**AVELINO MORAES DE CAMPOS**

Altas novidades! Preços sem competidor!

Norma da casa: Muitos poucos fazem muitos!

o proprietario d'esta nova casa pede a todos os seus amigos e ao publico em geral para visitar o seu novo estabelecimento

Rua Veiga Beirão, (Antiga Rua Direita),—ESPOZENDE

**CONCURSO**

Nos termos do Decreto de 24 de dezembro de 1892, está aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da ultima publicação no «Diario do Governo», para o logar de secretario d'esta Administração do Concelho, com o ordenado annual de reis, 240,000 e respectivos emolumentos.

Esposzende 25 d' Abril de 1903.

O administrador do Concelho, Antonio da Graça Hypolito.

**Comarca d'Espozende EDITOS DE TRINTA DIAS (1.ª publicação)**

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Espozende e cartorio do escrivão—Moraes Rocha—se processam

uns autos civeis de justificação para habilitação em que são justificantes Marianna Benedicta, Maria Josepha Dias, viúvas, da freguezia de Villa Coiva, Maria Rosa e marido José Lopes Monteiro, da freguezia d'Arcozello, todos da comarca de Barcellos, Domingos de Souza Santa e mulher Josepha Cecilia Gonçalves, Rosa de Souza Santa e marido Manoel Ribeiro, da freguezia de Gemezes e Joaquim José Alves da Silva, viúvo, da freguezia de Palmeira do Faro, estes d'esta comarca e todos lavradores; e nelles pretendem os justificantes habilitar-se como unicos e universaes herdeiros de seu sobrinho e primo José do Valle, filho de Domingos José do Valle e

de Antonia Maria da Silva, natural da freguezia de Gemezes e fallecido na cidade de S. Paulo—Estados Unidos do Brazil—e por isso correm editos de 30 dias os quaes se principiarão a contar da data da 2.ª publicação do annuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito á herança do justificado para na 2.ª audiencia d'este juizo posterior ao praso dos editos virem accusar a citação e ahí assignar-se-lhes o praso legal para contestarem, seguindo-se os mais termos até final. As audiencias neste juizo fazem-se todas as quartas-feiras e sabbados não sendo dia feriado ou sanctificado porque sendo o fazem-se no dia immediato senão o fôr tam-

bem, no Tribunal Judicial sito n'esta villa, por 10 horas da manhã.

Esposzende, 22 de Abril de 1903.

O Escrivão substituto, João Evaristo de Moraes Rocha. Verifiquei a exactidão. O Juiz de Direito Carvalho Braga

**NOVA EGREJA**

Em S. Bartholomeu do Mar, do concelho d'Espozende, vai proceder-se á construcção da nova Igreja em projecto; por isso a commissão convidada todos os mestres pedreiros e carpinteiros para virem examinar a planta e darem o seu orçamento em carta fechada etc. Será entregue o trabalho aos snr. mestres que fizerem mais baixos abonadores ao

contracto.

A planta está em casa do parcho.

S. Bartholomeu do Mar 21—4—1903.

**RELOJOARIA ESPOZENSE DE MANOEL GOMES DA COSTA FREITAS AVENIDA DE MANOEL PAES FÃO**

N'este estabelecimento concertam-se todos os relogios, caixas de musica e machinas de costura. Tambem se reparam com limite, instrumentos electricos e outros de construcção scientifica.

Garantem-se os principios profissionaes.

**CARREIRA DIARIA**

Sae o carro de Fão ás 6 horas da manhã, pouco mais ou menos, e vae pelas Necessidades parando em Barcellinhos á porta do Baltazar,

até ás duas horas da tarde, pouco mais ou menos.

**DECLARAÇÃO**

Delfino de Lemos, da freguezia das Marinhas, d'este concelho, declara para os devidos effeitos, que se não responsabilisa por qualquer divida que esta mulher contrahia em seu nome.

Marinhas, 1 de Maio de 1903.

**GASOMETRO PARA ACETYLENO**

Vende-se um, simplesmente pôr ser pequeno para o numero de bicos que se deseja; está novo e em bom estado garantindo-se o seu perfeito funcionamento.

Para vêr e tratar com João Magalhães, n'esta villa.



JOAQUIM LEITÃO

**A PESTE**

ASPECTOS MORAES DA EPIDEMIA NACIONAL

Livraria Central de GOMES DE GARVALHO—Editor—Rua da Prata 158 a 160—LISBOA.

**ALMANAC DAS ALDEIAS PARA 1903**

Publicado por Julio Gama—Collaborado pelos redactores da GAZETA DAS ALDEIAS

Este almanach, unico no seu genero que se publica em Portugal, e um precioso guia agricola illustrado, contendo numerosos artigos sobre variados assumptos, e todas as indicações proprias de livros d'esta oodem.

Nenhum lavrador deve dispensar o ALMANACH DAS ALDEIAS

1 vol. de 160 paginas, illustrado, 150 reis.  
E' remestido, franco de porte, em todo o reino, a quem dirigir o pedido, acompanhado da respectiva importancia, á administração da Gazeta das Aldeias, rua do Costa Cabral, 1262—PORTO.

A. E. Brehm

**MARAVILHAS DA NATUREZA**

**O HOMENS E OS ANIMAES**

Descrição popular das raças humanas e do reino animal, caracteres, costumes, instinctos, habitos e regimen, caças, combates, captivoiro, domesticidade, acclimação, etc., etc.

Edição portuguez larguissimamente illustrada traduzida ampliada na parte relativa a Portugal pelo dr. Balthazar Osorio.

Cada fasciculo, de 2 folhas de 8 paginas cada, a dus columnas in 4°, grande formato, contendo cada fasciculo entre 5 e 10 magnificas gravuras—60 reis—

Assignatura permanente para esta obra tem como para todas as edições da «Empreza da Historia do Portugal» 95, Rua Augusta 95, LISBOA.

**CARTILHA DO POVO**

Nova edição auctorizada pelo auctor

Preço de cada exemplar, 20 reis.—Pelo correio 25.  
Por junto, grandes descontos: 1:000 exemplares 12:000 reis, 10:000 90:000 reis; etc.

(O auctor distribuiu de graça 44 mil exemplares da CARTILHA DO POVO.

**OS MEUS AMORES**

(CONTOS)

—por—

TRINDADE COELHO

3.ª edição augmentada em mais do dobro  
1 vol. de luxo de 423 pag. e com um esplendido retrato do auctor em agua forte

Preço 500 reis—Pelo correio 570 reis

A' venda na Casa Editora

LIVRARIA AILLAUD

RUA DO OURO, 242, 1.º—LISBOA.

E em todas as livrarias.

**ABC DO POVO**

PARA APRENDER A LER

POR

TRINDADE COELHO

com desenhos de

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

80 paginas luxuosamente illustradas

Avulso 50 reis—pelo correio 60 reis

DESCONTOS PARA REVENDA: até 500 exemplares, 20% de desconto; de 500 até 1:000 exemplares, 25%; de 1:000 a 5:000 exemplares, 30%.

A' venda em todas as livraria do paiz, ilhas e ultramar e na casa editora

LIVRARIA AILLAUD—RUA DO OURO, 242, 1.º—LISBOA

Accetam-se correspondentes em toda o parte

**PARA AS CREANÇAS**

Colleção de contos infantis publicados sob a direcção de

D. ANNA DE CASTRO OSORIO

Publicação mensal aos folhetos de 32 paginas com gravuras, a reis.

Assignatura annual, ou 12 folhetos 680 reis.

Estão publicadas 7 séries d'esta interessante publicação, unica genero que se publica em Portugal, e os n.ºs 37 e 38 da 8.ª

Preço de cada série, ou seis folhetos, brochada com uma capa a-re, 400 reis.

A correspondencia relativa á redação deve ser dirigida para Se- s, á auctora.

a) Os pedidos e pagamento de assignaturas, séries ou folhetos a-o, devem ser dirigidos á administração, Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.ª

108—Rua de S. Roque, 110—LISBOA

A' venda, «Contos Infantis» illu- trados com chromos, d'esde 400 reis. Completo sortimento de livros de estado, romances etc ovos n psados, a preços muito reduzidos

**BIBLIOTHECA INFANTIL**

Directora—MARIA VELLEDA

Primeiro volume: **COR DE ROSA**

(CONTOS PARA CREENÇA)

A Bibliotheca Infantil, destinada a recrear essas cabeei- nhas que fazem a poetica alegria de cada lar, não se apresenta em ares de velha pedagoga, não traz na sua bagagem a farrapice da pre- tenção. Muito sorridente, muito carinhosa, como convem a uma boa e devotada ami ga dos pequeninos, ella não quer outra coisa que não seja insinuar-se docemente no espirito dos seus leitoresinhos, desviar- li- s, a- por momentos a attenção dos fatigantes trabalhos escolares, propa- r- los, por meio de um aproveitavel e confortado descanso para a continuação da lábua diaria, onde refflorirá, de quando em quando, a recordação da historia lida, dos versos decorados, junto da mamã, a hora repousada do serão. A's mães amantissimas recommendamos esta publicação, segura dos attraentes resultados que ella produzirá no espirito dos queidos pequeninos.

Condições da publicação

Contos populares, ouvidos aqui e acolá, ou simplesmente pequenas historias creadas pela inventiva da directora d'esta publicação, a Bi- bliotheca Infantil járá sahir um volume por anno, dividido em 12 fasciculos independentes, de 24 paginas cada fasciculo, em formato decimo-sexto, impressos nitidamente sobre finissimo papel.

Publicar-se-há regularmente um fasciculo por mez. Cada volume terá seu titulo differente, sendo Cor de rosa o do paimeiro.

Condições da assignatura

A assignatura far-se-há por séries de 6 fasciculos, ao preço de 360 reis cada serie. O volume completo (12 fasciculos), para os assignan- tes, custará 900 reis.

Redacção e administração—SERPA

**BIBLIOTHECA AMENA**

Colleção de magnificos romances dos melhores auctores, a 200 reis cada volume.

Publica-se mensalmente um volumc.

N.º 1

**AMOR D'OUTONO**

1 volume de 260 paginas, illustrado.

N.º 2

**RUTH**

1 volume de 288 paginas

N.º 3

**PECCADORA IMMACULADA**

1 volume de 304 paginas

Pedidos ao Centro Internacional de Publicações

DE

ARNALDO SOARES

Praça de D. Pedro—PORTO

**A MODA ILLUSTRADA**

300 REIS

Directora:

100 REIS

No acto da entrega

ALICE DE ATHAYDE

No acto da entrega

JORNAL DAS FAMILIAS

Publicação semanal

Por contracte feito em Paris, sairá todas as «segundas-feiras» a Moda Illustrada contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéus, toilettes, plantasias e confecções, tanto para seuhoras como para creanças. «Moldes corta dose, tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanha dos das respectivas descrições. Conterá uma «revista da moda», onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo e que se relacionem com o seu titulo. «Correspondencia»: Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam á Moda Illustrada sobre assumptos de interesse apropriado. «Receitas» necessarias a todas as familias, etc., etc. «A secção litteraria constará de romances, contos, historias, poesias. A Moda Illustrada fica tendo o melhor e o mais barato jornal de modas que se publica em Paris na lingua portugueza, e pela clareza utilidade e variedade dos seus artigos torna-se

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS DE FAMILIA

A Moda Illustrada publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas, em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição Condições da assignatura 2.ª edição

ANNO.—52 numeros com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 num. com 1040 gravuras de bordados, 53000.

SEMESTRE.—26 numeros com 990 gravuras em preto e colorida, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 num. com 520 gravuras de bordados, 23500.

TRIMESTRE.—13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 num. com 260 gravuras de bordados 13300.

LISBOA, PORTO E COIMBRA

Um numero contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um numero com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega 100 rs

Cada numero da MODA ILLUSTRADA é acompanhada d'um numero do «Petit Ecco de la Broderie», jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de meza, enxovia- para creança, tapessarias, chrochet, ponto de agulha, obras de phans tasia, rendas, passamantaria, etc., etc. encontra-se na MODA IL- LUSTRADA, a tradução em portuguez d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga casa Bertrand—JOSE BASTO—Rua Garrett, Lisboa

**A RAINHA SANTA**

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO Illustrado com esplendidas gravuras e chromos

A primeira caderneta contém 24 paginas in-4.º papel superior, com 5 gravuras e vinhetas, e um lindo chromo a côres.

O melhor romance historico, e mais bem illus- trado, em distribuição

Um primoroso brinde aos assignantes

UM QUADRO REPRESENTANDO A

**VISTA DE COIMBRA**

Cadernetas semauaes de 24 paginas, illustradas 60 reis  
Tomos mensaes de 120 paginas 300 reis

PEDIDOS DE ASSIGNATURA Á

Livraria Editora GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª

108, Rua de S. Roque, 110—LISBOA

E n'esta villa ao correspondente da Empreza, sr. José da Sil- va Vieira, onde se distribuem prospectos.

**PORTUGAL**

Diccionario historico, biographico, bibliographico heraldico, chorographico, numismatico e artistico ABRANGENDO

A minuciosa descripção historica e chorographica de todas as cidades villas e outras povoações do continente do reino, ilhas e ultramar, monumentos e edificios mais notaveis, tanto antigos como modernos; biographias dos portuguezes illustres antigos e contemporaneos, celebres por qualquer titulo, notaveis pelas suas acções ou pelos seus es- criptos, pelas suas invenções ou descobertas; bibliographia antiga e moderna; indicação de todos os factos notaveis da historia portugueza, etc., etc.

OBRA ILLUSTRADA

Com centenaes de photogravuras e dirigida segundo os trabalhos dos mais notaveis sscriptores

Continua aberta a assignatura. Cada fasciculo, contendo 16 paginas e magnificamente illustrado, 60 reis, e cada tomo abrangendi cinco fasciculos 300 reis.

Todos os pedidos á Casa Editora João Romano Torres, rua de D. Pedro V, 82 a 88—Lisboa.

N'esta villa é correspondente sr. José da Silva Vieira que se encarrega de mandar vir qualquer obra editada por esta casa.

ROCHA MARTINS

**BOCAGE**

GRANDE ROMANCE HISTORICO

Edição de luxo, acompanhada de bellissimas pho- to-gravuras dos principaes personagens e com primorosas illustrações de

Roque Gameiro e Alfredo Moraes

CADA TOMO, 200 REIS CADA FASCICULO 40 REIS

Condições da assignatura

Em Lisboa, Porto e nas diversas localidades da provincia onde a Empreza tem correspondentes, será distribuido semanalmente um fasciculo, sempre illustrado, ao preço de 40 reis, pagos no acto da entrega. Mensalmente distribuir-se-ha um tomo, pelo preço de 200 reis.

Pedidos a JOÃO ROMANO TORRES, Empreza Editora e Typo- graphica «O RECREIO»—84, Rua de D. Pedro V, 88—PORTO.



DOENÇAS DE PEITO

**FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO**

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Preparada por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei e Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industriaes, premiado, etc.

Esta farinha, que é um excellent e agradável alimento repa- rador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, de idade avançada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medica- mento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reco- nhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forças no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ba muitos annos, levou o autor a torna-la conhecida no estrangeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral pre- parada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.